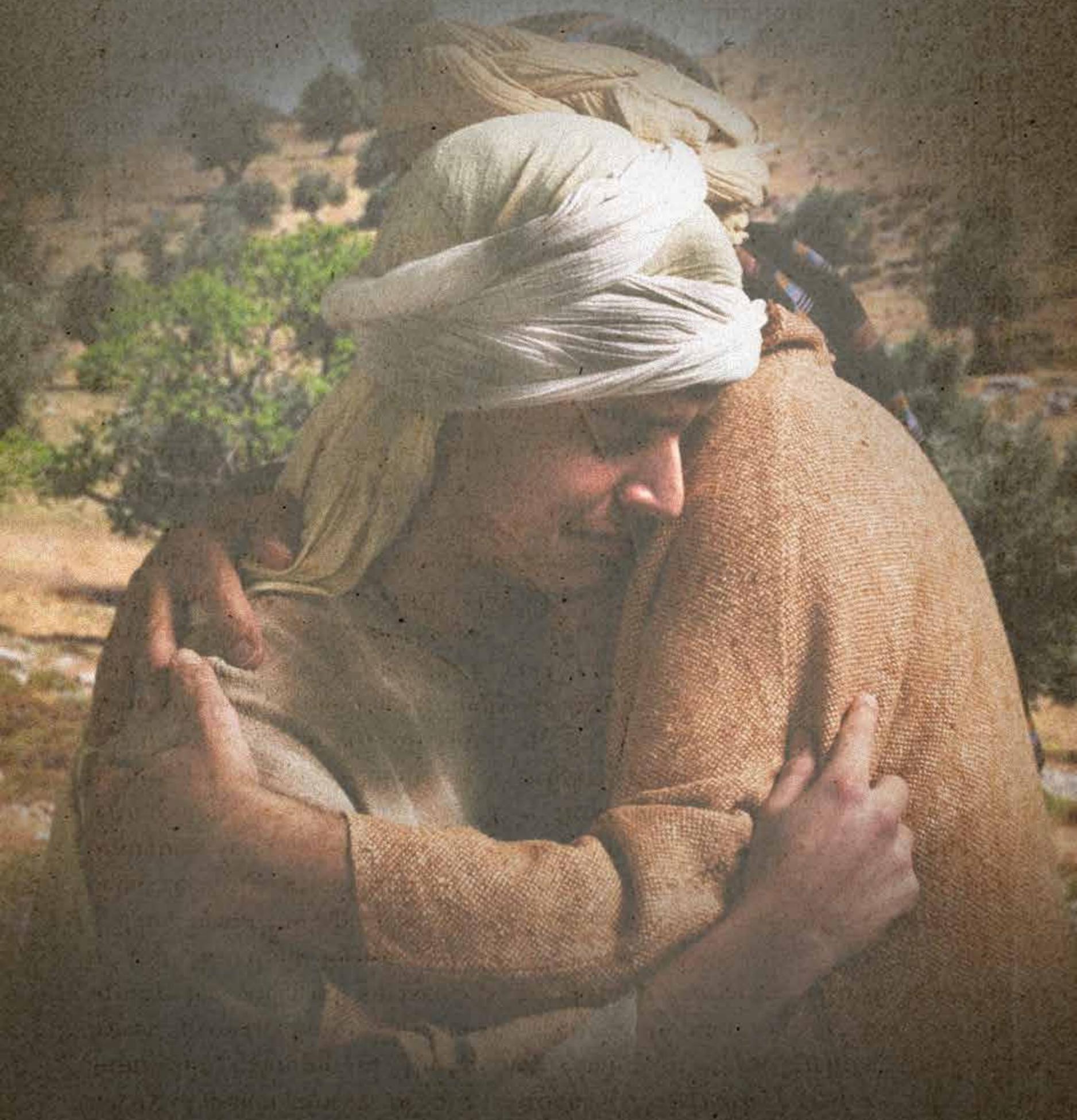


BOLETIM DIGITAL DA OITAVA IGREJA
PRESBITERIANA DE BELO HORIZONTE

• 21 DE AGOSTO DE 2022 •

O FILHO PRÓDIGO



CONHEÇA O AMOR DO PAI

O FILHO PRÓDIGO

CONHEÇA O AMOR DO PAI

POR PR. ELOÍZIO COELHO

Não vale a pena trocar a casa do Pai pelas coisas do mundo.

Na **parábola do filho pródigo**, contada pelo Senhor Jesus, o filho mais novo quis ir embora da casa do pai; quis experimentar os prazeres do mundo; quis levar uma vida independente, longe daquele que mais o amava nesta terra, o seu pai. Ele pediu ao pai a sua parte na herança e partiu rumo aos seus precipitados e enganosos sonhos. A Palavra de Deus afirma em Jeremias 17.9: *“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?”*

Depois de algum tempo, o dinheiro acabou e os amigos se foram, chegando ele ao ponto de não ter mais o que comer. **Longe de Deus é assim, não há amigos, não há provisão, não há alegria**. Finalmente, depois de muito sofrimento, o filho rebelde resolve voltar para a casa do pai, e como sempre, **o pai amoroso o recebe de braços abertos**, manda colocar sandálias nos seus pés, anel no seu dedo e dá uma festa maravilhosa.

Por incrível que pareça, o filho mais velho, movido por algum sentimento perverso, ao voltar do campo, não quis entrar para a festa. Seu pai teve de ir ao seu encontro e convencê-lo a participar. **Vemos nessa história dois filhos perdidos**; um estava perdido lá fora, no mundo, e o outro estava perdido dentro de sua própria casa. O coração do irmão mais velho deveria estar tão alegre quanto o coração do pai, mas infelizmente não foi assim. Como parte da **Igreja de Cristo**, devemos fazer todo o esforço para buscar os irmãos que estão ausentes, ao mesmo tempo em que devemos investir todo o esforço para fortalecer a fé dos que estão conosco todos os dias.

O grande protagonista dessa história é indubitavelmente o velho pai, pois aquele homem saiu para abraçar o filho mais novo que havia saído de casa e que estava voltando, mas

também foi ao encontro do filho mais velho que ficou em casa, mas que, agora, não queria entrar. Os braços do pai são **acolhimento e refúgio** para os ausentes que voltam, mas também são **reconciliação e ternura** para os presentes que se chateiam com alguma coisa.

Há filhos que voltam por providência direta de Deus; há outros que temos que ir buscar; sim, isso está estampado nessa bela história. O filho rebelde que saiu de casa, ao perder tudo lá fora, não viu outra saída senão retornar à casa do pai. A providência do Eterno levou em conta as súplicas desse senhor, que certamente orou incessantemente pela sua volta. Ao mesmo tempo, vemos que o filho mais velho, talvez movido pelo ciúme, não gostou do acolhimento que o pai dera ao irmão mais novo. Nesse caso, o pai amoroso se dispôs a buscá-lo e convencê-lo a entrar. **O amor do Pai é assim, abraça um e abraça o outro de igual forma.**

O nosso Deus Eterno é esse Pai amoroso que nos trata com tanta **graça e bondade**, dando-nos todos os dias **novas oportunidades de arrependimento**, acolhendo-nos nos seus braços fortes que são fontes de eterno **consolo** para todos os seus filhos.

O Senhor Jesus afirmou: *“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas...”* (João 14.1).

Não ande longe da casa do Pai, não se ausente da comunhão dos irmãos. **Busque refúgio todos os dias na presença do Pai Eterno que é nossa fonte de sustento, consolo e fé.** O Pai deseja que seus filhos estejam sempre perto e vivam em **harmonia** todos os dias!

PR. ELOÍZIO COELHO
Pastor Auxiliar



ASHBEL GREEN SIMONTON: O PRIMEIRO MISSIONÁRIO PRESBITERIANO NO BRASIL (1833-1867)

POR PR. JEREMIAS PEREIRA

Há 163 anos, precisamente no dia 12 de agosto de 1859, desembarcava no Rio de Janeiro um jovem de 26 anos de idade. Havia tido uma experiência religiosa no avivamento em 1850, e no primeiro semestre de estudos, ouviu na capela do seminário um sermão do Dr. Charles Hodge, um dos seus professores, que despertou o seu interesse pela obra missionária no exterior. Em meio às lutas no Seminário Teológico de Princeton, New Jersey, nos Estados Unidos, orava fervorosamente. Concluídos seus estudos, foi ordenado pastor, e então enviado ao Brasil.

Simonton teve apenas oito anos de ministério em terras tupiniquins. Mas numa sequência vertiginosa, quase atordoadora, fundou no Rio uma escola dominical, uma igreja, um jornal, um seminário, um presbitério, uma denominação e ainda escreveu uma série de sermões e poesias em português, que mais tarde foram compilados em um livro.

Passados quatro anos, pouco depois de organizar a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro em conjunto com o Reverendo Alexander Blackford (12 de janeiro de 1862), o jovem missionário seguiu em viagem de férias para os Estados Unidos, vindo a casar-se com Helen Murdoch, em Baltimore. Regressaram ao Brasil em julho de 1863. No final de junho do ano seguinte, Helen faleceu, nove dias após o nascimento de sua filhinha, que recebeu seu nome, Helen Murdoch Simonton, a única filha do Rev. Simonton.

Continuou sozinho, criando sua filha e corajosamente fiel ao seu chamado ministerial, o qual o Senhor lhe confiara, até que em 9 de dezembro de 1867, aos 34 anos de idade, faleceu em São Paulo, vítima de febre amarela.

Um jovem com visão estadista, dedicado a Deus; homem de coragem, fé, obediência; apaixonado por buscar aquele que estava sem Cristo e sem salvação.

Muito de seu caráter e compromisso com Deus está no livro **“Simonton – inspirações de uma existência”**, trechos do seu diário, que foi traduzido por Amélia Rizzo.

Algumas das suas frases retiradas de seus sermões: (fonte Ultimato).

“Se o campo é o mundo, então todas as esferas precisam ser ocupadas, e a recusa de alguns em ir aos lugares menos promissores somente torna este dever mais imperativo para outros.”

“Sinto fortemente que preciso ter um conhecimento mais claro de Cristo e um senso perceptível de sua presença e amor. Ser missionário sem ter amor fervoroso por Cristo e zelo pelas almas é mau negócio. Devo renovar a minha consagração.”

“O fim principal de pregador deve ser conduzir seu auditório aos pés de Jesus.”

“Ministros de Cristo, lembrem-se disso [a centralidade de Jesus na pregação] cada vez que vocês subirem ao sagrado púlpito!”

“É preciso ser muito ignorante para se poder negar esse fato fundamental da fé cristã — que nosso Senhor realmente padeceu a pena a que estávamos sujeitos.”

“É admirável, eu mesmo o confesso, parece incrível, mas é fato que a ira de Deus merecida por nós foi descarregada sobre a cabeça de nossa vítima. Daqui resulta com toda evidência a completa absolvição do mais vil pecador, que se une a Cristo pela fé.”

PEQUENOS TRECHOS DO SEU DIÁRIO

Antes da partida para o Brasil:

“Eu vou só (...) A Ti ó Deus, entrego os meus caminhos, na confiança que Tu dirigirás acertadamente meus passos.”

Após seis meses no Brasil (ainda aprendendo a língua portuguesa):

“Considero-me feliz, muito mais do que esperava. Sinto-me feliz em deixar com Ele o futuro. Gostaria de ser capaz de perceber a graça de Deus em todas as coisas, tanto nas pequenas como nas grandes, para ser capaz de realizar tudo com referência consciente à sua glória.”

Após o casamento:

“Estou de volta ao meu pasto, agora casado e... destinado logo a ser pai... Sinto-me feliz quando se pode esperar neste mundo.”

Três meses depois:

“Nosso primeiro aniversário de casamento... um ano de bênçãos quase sem mistura.”

Um mês mais tarde:

“Nossa primeira filha nasceu às 11 horas. Deus seja louvado.”

10 dias depois:

“Que Deus tenha misericórdia de mim... Helen, minha esposa, jaz num caixão, na sala. (...) tudo ainda parece um sonho.”

Um mês após o sepultamento da esposa:

“Justamente quando a minha taça de felicidade terrena transbordava, a fonte da maior parte das minhas puras alegrias me é tirada. A falta é tão grande que nada, senão Deus, poderá preenchê-la.”

Nos últimos dias de sua vida (1866):

“No retrospecto da minha própria vida durante o ano (...) aponto algumas obras realizadas da melhor maneira possível, mas em que medida tenho eu progredido na direção do céu? Aí é que me sinto em falta. Não consigo ir além da prece do publicano: ‘Tem misericórdia de mim, pecador’. Será que vai ser sempre assim? Como suspiro pelo batismo de fogo para consumir as escórias, e por ter um coração inteiramente dominado por Cristo.”

Compilado por Pr. Jeremias Pereira.

PR. JEREMIAS PEREIRA
Pastor Titular

